



## Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

18 | 2016  
Ponto Urbe 18

---

# Ocupar, lutar e (r)existir

Notas etnográficas em duas ocupações

Paula Bolonha e Marciano Kappaun

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3152>

DOI: 10.4000/pontourbe.3152

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Referência eletrónica

Paula Bolonha e Marciano Kappaun, « Ocupar, lutar e (r)existir », *Ponto Urbe* [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado o 21 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3152> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3152

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 21 Abril 2019.

© NAU

---

# Ocupar, lutar e (r)existir

Notas etnográficas em duas ocupações

Paula Bolonha and Marciano Kappaun

---

- 1 Este texto se inscreve no contexto dos inúmeros protestos e manifestações dos movimentos sociais, recorrentes da crise política e econômica do país e da greve de funcionários, estudantes e professores na Universidade de São Paulo.<sup>1</sup> Nossos campos foram realizados em duas ocupações, organizadas por movimentos sociais de moradia distintos. O resultado é uma breve etnografia escrita a quatro mãos. O primeiro relato<sup>2</sup> foi realizado na Ocupação Mauá, região central da cidade de São Paulo, no bairro da Luz; o outro, na ocupação Hugo Chávez, 30km do primeiro, no bairro periférico de Guarulhos, no Jardim Ponte Alta I.
- 2 São muitas as tramas que conectam as ocupações Mauá e Hugo Chávez. Uma delas é a luta, que na verdade se desdobra em muitas: a luta pelo reconhecimento de direitos, por cidadania, pelo direito de viver, transitar e se relacionar na e com a cidade, a luta por um teto digno e próprio.
- 3 O que acontece quando, em meio a uma luta que parece sem fim, a conjuntura política nacional se incendeia com a ruptura do regime democrático? O país se dividiu entre aqueles que são a favor da ruptura, os que são contra e aqueles cujas vozes não se ouve. Agravadas pela crise política, as ruas, já antes palco frequente de manifestações e atos, fervilham de gente. Em São Paulo, em meio às milhares de pessoas que foram às ruas reivindicar justiça e a saída do governo interino – e golpista –, figuram, dentre diversos outros coletivos e movimentos, os movimentos sociais de habitação; Movimento de Moradia da Região Centro – MMRC e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST – onde, respectivamente, o primeiro e o segundo relato foram realizados. Nesse contexto, a inquietação que nos motiva a escrever estas linhas é: para aqueles cujas vidas diárias estão imersas em mobilizações políticas, atos, ocupações e manifestações, qual o impacto do “golpe”, na vida cotidiana?

## Relato I – Ocupação Mauá, São Paulo, maio de 2016. Reunião com o Movimento de Moradia do Centro – MMRC

- 4 Meu destino é, mais uma vez, a Rua Mauá, localizada na região central da Luz. Uma zona que, em termos de arquitetura, abriga diversos cartões postais da cidade: a Pinacoteca, a Sala São Paulo, o Museu da Resistência, a imponente estação ferroviária da Luz, que há pouco tempo abrigava o Museu da Língua Portuguesa, recém-destruído por um incêndio. A rua Mauá raramente dorme. Além do fluxo gerado pelo comércio, o movimento de transeuntes, vendedores ambulantes, prostitutas, policiais, donas de casa, trabalhadores e estudantes é constante. Neste dia, junto-me à multidão em fluxo e caminho até a frente de uma porta pintada em vermelho e branco, no número 340, endereço da Ocupação Mauá.
- 5 Uma dentre tantas as ocupações que permeiam a região, a Ocupação Mauá persiste há nove anos. Antes disso, o local – que tempos atrás já havia abrigado um hotel – era um imóvel ocioso, que descumpria sua função social<sup>3</sup>. Em 2007, pela segunda vez, famílias desabrigadas, sem teto e pertencentes a três movimentos sociais distintos<sup>4</sup> se unem para romper os cadeados, as portas lacradas e com o intuito de fazer daquele lugar, ao mesmo tempo, morada e ferramenta de denúncia social.
- 6 Na portaria da Ocupação eu procuro por Nelson, o responsável por um dos três movimentos que compõem a Coordenação Geral da Ocupação, o MMRC. Ninguém entra na Ocupação sem autorização prévia, identificação ou sem ser conhecido. Como sou figura frequente, a porteira libera minha entrada e fico à espera de Nelson no saguão de entrada, onde as paredes, de pintura já lascada, estampam banners vermelhos da FLM e do MMRC.
- 7 O prédio de seis andares abriga aproximadamente 250 famílias. Cada movimento tem seu (s) andar(es), seus coordenadores e suas reuniões de bases. Cada família integra um dos movimentos, todas juntas integram a Ocupação Mauá.
- 8 Do saguão, tem-se acesso às escadas que levam aos corredores estreitos, de piso recém-reformados, e aos “espaços”. Cada “espaço”, de aproximadamente 10m<sup>2</sup>, abriga uma família. Não há elevadores funcionando. Os banheiros e lavanderias são coletivos. Do saguão é possível rumar para um pátio central, onde em geral as crianças brincam depois das aulas. O pátio<sup>5</sup> é circundado por paredes de concreto com janelas, uma para cada espaço. O cinza do cimento é quebrado pelas pichações nas paredes e pelas roupas coloridas que pendem dos varais suspensos nas janelas. É neste pátio que Nelson me encontra.
- 9 Depois dos cumprimentos, seguimos até um salão de reuniões, uma extensão do saguão de entrada e nos sentamos ao redor de uma mesa grande no fundo do salão. Ele me diz que B<sup>6</sup> \_\_\_\_ e G \_\_\_\_ descerão em um minuto para conversarmos. Eu não sabia que teríamos uma reunião com o Movimento naquele dia. Reunião essa que não corresponde a uma reunião geral da ocupação, posto que, das famílias que vivem hoje na Ocupação, 30 delas são vinculadas ao MMRC; tampouco se tratava de uma reunião geral do Movimento já que só estariam presentes os coordenadores e eu. G \_\_\_\_ foi a última a descer. Eu me lembrava de seu rosto em uma outra assembleia, mas nunca havíamos trocado palavra. Nelson explica que pediu a reunião para tratar de questões internas e importantes ao Movimento e não sobre questões referentes a Ocupação Mauá em particular.

- 10 Levamos três horas e meia para discutir todos os temas que o Nelson havia proposto. Mantive-me como ouvinte na maior parte do tempo, perguntando somente uma coisa aqui, outra ali, quando não entendia a discussão. Evitava emitir opiniões. Afinal, eram diretrizes do movimento que estavam sendo tomadas naquele momento. Eu sentia que só cabia ali enquanto espectadora.
- 11 No final da reunião, quando o clima já estava mais descontraído, em que falávamos de amenidades, decidi perguntar sobre a atual conjuntura política do país. Eu tinha em mente uma etnografia que fora proposta em aula e queria saber o que as outras pessoas pensavam a respeito do tema. Nelson e eu já havíamos estado juntos em algumas marchas e atos contra o impeachment, e eu conhecia seu posicionamento. Entretanto, não havíamos conversado a esse respeito depois do afastamento da presidenta Dilma. De modo que perguntei diretamente: “O que vocês estão achando do governo Temer?” Foi o próprio Nelson quem primeiro me respondeu:
- Olha, você vai me perguntar “Nelson, você queria o governo Temer?” Não! Não porque eu não votei nele, né? Eu não votei nele, eu votei na Dilma. Agora, eu votei na Dilma também, Paula, confiante que ela ia resolver o problema do Brasil, principalmente o meu problema, né? Eu tenho que ter consciência disso. Mas às vezes o governo da direita atua muito mais do que o governo da esquerda. Que o da esquerda faz muita lambança. Olha a lambança do PT aí.
- 12 Eu não esperava ouvir dele que “às vezes um governo de direita atua – ou seja, mais atuante em termos de atender demandas públicas – mais que um governo de esquerda”. Nelson é, além de coordenador de movimento social, filiado ao PT desde a sua fundação. Deixei escapar uma expressão de surpresa, que não passou despercebida. Ele seguiu:
- E por isso que eu digo assim: Ah, o governo Lula, o governo Dilma. É bom? É... Pelo menos está na mão da esquerda. Agora, se você me perguntar, pra mim, eu digo... gente! Tanto faz estar o Lula e a Dilma como faz estar o Serra, como faz tá o Alckmin, como faz qualquer um... porque o que vai prevalecer e assegurar o meu direito é se eu lutar. Não é eles que vão fazer, não é eles que vão me atender, é o meu direito! E pro meu direito ser assegurado eu tenho que lutar. Tá entendendo? Muitas das vezes isso é verdade. Muitas das vezes você é melhor atendido com a direita do que com a esquerda.
- 13 Eu entendi seu ponto de vista, mas com todas as recentes notícias que eu tinha em mente, perguntava-me se, com “a direita” no governo, as próprias mobilizações populares não estariam postas em risco ou até mesmo inibidas. Contudo, como eu não queria enviar nenhum dos discursos, não me manifestei e escutei. G\_\_\_\_, que concordou com Nelson enquanto este falava, agora contava um caso, de alguns anos atrás, quando durante o governo PSDB um dos responsáveis pela Cohab deixou-os mais de cinco horas esperando, antes de atendê-los em uma reunião: “demorou mas atendeu”, disse ela. A despeito desse canal de diálogo aparentemente aberto com a oposição, G\_\_\_\_\_ deixou claro que, para ela, as mudanças só ocorreram de fato com o início do mandato do presidente Lula na Presidência da República:
- Pra mim, ô Paula, na minha visão, há muitos anos atrás, quando eles eram do poder [PSDB]... eu lembro na minha cidade [no Ceará], foi um tempo de muita seca e aí muitos passando fome e necessidade mesmo, e aí inventaram um tal de “biscapê(?)”, que era uma bolsa. O Estado colocava [as pessoas] pra limpar as ruas e aí recebiam uma miséria por mês. E isso eu me lembro muito bem. Quando o Lula assumiu, tudo isso mudou. Na minha cidade mesmo, hoje, uma casa tem, no mínimo, dois transportes: tipo uma moto e um carro, ou duas motos, ou dois carros. Na época do PSDB, lá na minha terra, nós num tinha era nada. Tô dizendo, o que a gente tinha era só fome, fome, fome e fome.

- 14 Quando eu pergunto quais foram as ações tomadas pelo PSDB em favor dos movimentos de moradia – para além de recebe-los para uma conversa –, B\_\_\_\_\_ faz coro à minha, mas a pergunta e a conversa se perdem e ninguém responde.
- 15 B\_\_\_\_\_ é a única que não tece nenhum comentário brando quando se refere à “direita”. É sempre enfática em defender as atuações do PT, a despeito de acreditar que Dilma sabia dos esquemas de corrupção. Esse, acredito, é um dos poucos pontos em que não há discordância entre os três interlocutores, todos acreditam que “Ah! Ela sabia!”.
- Ela não sabia de 100%, mas de muitas coisas ela sabia. Porque era a mesma coisa de eu chegar e dizer: “não, Nelson eu vou te ajudar [a coordenar o MMRC, neste caso] mas eu tenho que tirar um pedaço desse bolo aqui pra mim comer”. E ele [governando] sozinho, ficou à mercê, né? “Então vamo!” E ai eu dizia, vai lá que nós consegue. Eu acredito que mais ou menos foi isso o que aconteceu.
- 16 Nelson me diz que não está acompanhando todas as mudanças que vêm ocorrendo no governo interino. G\_\_\_\_\_ e B\_\_\_\_\_ parecem estar. B\_\_\_\_\_ me pareceu ainda mais atenta aos acontecimentos. É ela quem menciona alguma das medidas tomadas pelo governo interino até agora, e seus possíveis impactos sociais: “Eu fico lendo todas as coisas pelos Jornalistas Livres; eu fico com muita raiva”. G\_\_\_\_\_ não conhece os Jornalistas Livres. Ela conta que se informa pela TV: “O que eu tô gostando de ver é quem tá caindo. Primeiro aquele cabeça de jaca seca [Jucá], agora o bonitão do Morumbi [Cunha]. Já, já chega a vez do seu Aécio”. B\_\_\_\_\_ aponta outras mudanças no governo, como os cortes nos Ministérios e a ameaça em acabar com a universalidade do SUS. Sobre isso G\_\_\_\_\_ comenta:
- Agora eu pergunto aqui pra você: a saúde tá uma miséria, né? E quando foi que ela teve boa? A educação uma merda? Tá! E quando foi que ela teve boa? Só que todo mundo só vê o agora, o agora, o agora. E o antes?
- 17 A defesa que faz sobre a atuação da esquerda na política parece estar ligada ao apreço que nutre por Lula. De Dilma G\_\_\_\_\_ não gosta. Mas votou nela por causa dele: “Num sei se é porque ela [Dilma] tem aquele jeito de falar dela bem calmo, bem ... usa as palavras certas... e ele [Lula] não, ele já fala mais rasgado. Ele já fala logo igual a gente, né?”
- 18 Sobre o cancelamento das 10 mil unidades do MCMV – Entidades, todos sabiam: “Vão cancelar e privatizar tudo. O que eles querem é fazer tudo com parceria público-privada”, diz Nelson, que também emenda uma longa crítica às parcerias público-privadas – PPP’s, que não são, exatamente, uma novidade trazida pelo Governo interino.
- O pobre, Paula, nunca vai conseguir essa moradia das PPP’s, porque você tem que ter alguma renda. As PPP’s não servem pro pobre: pobre que tem zero salário mínimo. Estes pobres não dão lucro pra empresa. Precisa ser moradia financiada pelo Estado. Mas isso já tem pouco faz é tempo. É por isso que a gente luta, né?
- 19 A conversa ruma para a contação de histórias pessoais, mas não desatrela do contexto da indagação e da reflexão inicial. G\_\_\_\_\_ e B\_\_\_\_\_ retomam a conversa sobre o SUS e relatam experiências com atendimentos no sistema de saúde: “Ah! G\_\_\_\_\_, se você estiver morrendo de verdade eles te atendem rápido, se não, tem que esperar. Eu digo pela minha mãe”, conta B\_\_\_\_\_.
- 20 Em dado momento, Nelson diz que precisamos encerrar a reunião porque o salão vai ser usado por outras pessoas, mas quer fazer uma reflexão final, que transcrevo abaixo:
- Eu faço uma reflexão de que o Brasil não merecia passar pelo que tá passando e pelo que já passou. Essa é a minha conclusão. O Brasil não merece isso. O Brasil deveria ser mais respeitado. E quando se desrespeita o Brasil está se desrespeitando a nós que somos brasileiros. E é nós que fazemos este Brasil. Então, o desrespeito é na estrutura física de nosso país. Esse negócio de partido... Eu sou filiado ao PT desde

83 e eu disse assim... Isso é complicado... O pessoal me parar na rua e diz: “Ô Nelson! [queixando-se de sua ausência] é porque bem pouco eu me apareci nas manifestações. Mesmo porque o interesse não é pra defender o Brasil, é pra defender os próprios interesses. Se for pra defender o interesse do Brasil eu tô lá sim. Eu vou e não vou me negar porque eu nunca me neguei de ir pra luta. Agora, ir pra lá, pra sei lá, me acabar, perder noite, me sacrificar, me ponhar a frente de polícia, a frente disso e daquilo... porque a gente não tem medo, nós não temos medo, pra depois eu vou ter que resposta?? Cê tá entendendo? Minha filosofia é essa. O Dinho [um advogado da Central de Movimentos] mesmo me disse: “Pô, Nelsão, não tenho visto você na luta.” E eu disse a ele: “que luta, Dinho? Que luta?”

## Relato II – Ocupação Hugo Chávez do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST, Jardim Ponte Alta I, Guarulhos, junho de 2016.

- 21 Para chegar na ocupação Hugo Chávez é preciso sair de São Paulo pelo terminal de ônibus na estação Armênia em direção a Guarulhos. Cerca de uma hora depois, chego na avenida José Rangel Filho e desço na quadra de esportes da prefeitura, no Jardim Ponte Alta I. Desço à direita na rua Edmar Bressam, até o final dela e do bairro, cerca de quatro quadras.
- 22 No início da descida, já avisto a ocupação localizada em um terreno elevado de pastagens, com algumas poucas vacas. Para acessar esse local é preciso passar por uma ponte de madeira improvisada sobre um córrego de águas turvas, onde há, afixada em uma porteira de madeira do outro lado da ponte, uma bandeira do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST. Sigo em frente, margeando o córrego por cerca de cem metros. Chego finalmente em frente à ocupação “Hugo Chávez”, localizada na margem esquerda do córrego a cerca de trinta metros, na porção elevada do terreno.
- 23 Logo na entrada da ocupação está localizada a cozinha da militância do MTST. Ali pergunto para alguns acampados se alguém sabe onde eu encontro o José – militante que conheci na ocupação “Copa do Povo”, em 2014. Ninguém ali sabe. Fico por ali fotografando e conversando com os acampados. Logo escuto alguém gritar: é o José, que de cima de um barranco acena com os braços e sorri. Ele chega até mim e me convida para tomar um café. Conversamos sobre as andanças dele nas ocupações, mas principalmente – ele fez questão de me contar – de seu reencontro com a família, em Minas Gerais. Conta que foi visitar os filhos e a mãe depois de muitos anos, desde quando viera caminhando de Belo Horizonte até a cidade de São Paulo. Nosso último encontro foi quando estivemos, professor José Guilherme Magnani e eu, na ocupação “Chico Mendes II”, no bairro do Morumbi.
- 24 Em seguida, saímos para conhecer a ocupação. Fomos caminhando ladeira acima, onde encontramos Epaminondas, que trabalhava como segurança de um condomínio em São Paulo. Estava reformando o seu barraco, instalando uma lona mais resistente. José o orienta a mudar a posição de uma das lonas: “se você deixar assim, o seu barraco vai ficar todo molhado, vai entrar água por aqui”, sinaliza, apontando o local da sobreposição da lona invertida. Continua, “coloca ao contrário, daí não vai entrar água da chuva”, completa. Epaminondas me conta que mora longe e não pode estar todos os dias na ocupação, por isso trouxe uma declaração do trabalho.

- 25 Por todo o acampamento observo vários acampados cuidando dos seus barracos, restaurando buracos, reforçando a estrutura de bambu e aumentando o isolamento interno com materiais plásticos e tecidos. Domingo é um dos poucos dias livres para os trabalhadores, que vêm à ocupação para participar das assembleias e aproveitam o tempo para realizar a manutenção dos barracos.
- 26 Continuamos nossa caminhada na direção onde será construída a cozinha do Grupo 1 – G1. Em seguida, passamos por mais uma família que, juntos, a avó, as filhas, os genros e os netos, reforçam a cobertura de seus três barracos com uma lona usada de caminhão. Chegando ao ponto mais alto da ocupação, José aponta para um muro nos fundos da ocupação, e informa que ali é o limite do terreno. Diz que as pessoas têm receio de ocupar esse terreno, porque no passado já houve reintegração de posse, mas lembra que era uma “invasão”<sup>7</sup>, que loteou o terreno, e que cada um construiu sua casa com madeirite ou alvenaria. Ele reforça que, por esse motivo, a ocupação “só agora está levantado o G2”<sup>8</sup>.
- 27 Ao começarmos a descer, de volta ao barracão da militância, encontramos pessoas construindo novos barracos no G2. Uma senhora chega com um feixe de bambus para levantar o seu barraco. Ela olha para o José e o chama: “Ô moço da comunidade...”, o José responde, “senhora, eu não sou da comunidade, sou do movimento”, a senhora se desculpa e pergunta onde construir o barraco, ele dá as orientações pegando uma enxada e mostra o local onde ela pode erguer seu barraco.

## Um barraco para chamar de lar

- 28 Em seguida, conheço o Paulo, que me convidou para conhecer e fotografar o seu barraco. Ele me mostrou seu barraco, todo revestido com um tecido rendado branco. Em um canto do barraco, uma cama de solteiro arrumada, coberta com uma colcha vermelha de estampa florida. Ao lado da cama, na parede, duas portas de guarda-roupa. Em uma delas, na qual há um espelho, onde se fiou um papel com a “Prece da Vitória”.<sup>9</sup> Na cabeceira da cama, dois banners publicitários com a foto de modelos femininas vestindo jeans. À direita, logo em frente à entrada do barraco, um criado mudo com uma gaveta em cima e com alguns pertences pessoais nela, abaixo um par de chinelos e uma vassoura sem cabo sobre uma espécie de tapete ou cobertor vermelho que revestia todo o chão do barraco. No teto, lâminas de madeira, aparentemente do fundo do mesmo guarda-roupa, foram reaproveitadas para revestir o barraco. Paulo ainda instalou uma cortina para separar a cama do resto do barraco, cerca de um metro e meio. Perguntei sobre a cortina e ele disse que era para se proteger dos mosquitos. Os barracos são muito pequenos, em média têm espaço de apenas quatro ou cinco metros quadrados.
- 29 Conheci na vizinhança desse barraco a dona Maria, 52 anos, catadora de recicláveis, que também quer me mostrar o barraco dela. “Moro na rua 4, num barraco de alto risco”, fala da dificuldade de morar nesse local e que é coletora de material reciclável, “minha luta é essa, juntando reciclado, vendendo alguma coisa no farol...”. Ela mostra o barraco com muito entusiasmo e orgulho. Logo na frente do barraco o que chama a atenção é um banco construído com restos de tábuas da construção civil, que ela utiliza para descansar e apreciar a paisagem de parte do acampamento, o Jardim Ponte Alta I, e o movimento dos transeuntes. Dentro do barraco, ao fundo, vejo uma cama arrumada – toda a estrutura da cama foi construída com bambus por um dos acampados –, com cobertores grossos e um urso de pelúcia amarelo recostado na cabeceira da cama. Pendurado no alto da parede, um pôster “Corinthians Campeão de 2008”, abaixo, perto da cama, a

representação em tecido de um vaso com três flores coloridas e, no centro da parede, um pequeno quadro do Salmo 121 – texto da Bíblia muito popular sobre o socorro de Deus aos necessitados –, com desenhos coloridos de montes, cachoeiras e flores. Curiosamente, está pendurado de ponta cabeça e bem alto no canto esquerdo do barraco, um pôster da boneca Barbie. Em frente da cama dela há uma cadeira com uma bolsa dependurada e algumas blusas de lã; afinal, o tempo está frio. Tudo em seu devido lugar.

- 30 Enquanto conversamos chega a Dona Gildete, 57 anos, aposentada e moradora do bairro, “a gente tá querendo uma melhora, lá é uma viela”, referindo-se ao local onde mora. Explica a dificuldade de morar em um local que não é legalizado, “não tem esgoto... é um barraco”. Continua falando sobre a ocupação, demonstrando ceticismo em relação a luta: “não vai pra frente... esse terreno é do Pascoal Tomé e da Roseli... ela não quer negociar com a Caixa. Ela quer fazer aqui um hospital do câncer. A mãe dela está internada nos Estados Unidos... ela quer fazer aqui um hospital...”. Apesar disso, ela afirma que espera que a luta avance e seja possível a construção de moradias populares naquele terreno.
- 31 O que salta aos olhos a respeito da dona Maria, além das marcas corporais de uma vida sofrida, é a sua alegria, a despeito de tantas adversidades. Muito sorridente e ativa, ela é uma das coordenadoras do G1. O que impressiona nos barracos do Paulo e de dona Maria é o esforço para que ali se torne o seu lar. A reprodução de um espaço doméstico, utilizando artefatos de uma casa convencional, como a cama, criado-mudo etc, bem como, a construção de uma nova sociabilidade com os vizinhos no acampamento, que marca a lógica da coletividade na luta por moradia do movimento social.

### Assembleia, informes e a conjuntura política

- 32 Chega o horário da assembleia, o José grita “Hugo Chávez?”, os acampados respondem “Presente, hoje e sempre!”, na sequência outro grito, “MTST a luta é pra valer!”. A reunião é realizada em frente à ocupação. Há um desnível no terreno que forma uma espécie de “palanque”, que visibiliza o orador durante sua fala na assembleia.
- 33 Uma das expectativas dos acampados é o cadastro pela prefeitura de Guarulhos. José explica que o cadastramento estava previsto para segunda-feira, mas que é para todos aguardarem um agendamento da prefeitura que irá cadastrar todos os acampados. É importante dizer que há uma relação amistosa entre o MTST e a prefeitura de Guarulhos e o fato de cadastrarem as famílias não significa o fim da luta mas é apenas um dos muitos passos que os trabalhadores sem teto precisam dar em direção a conquista da casa própria. A questão política na ocupação Hugo Chávez parecia mais uma questão com o governo municipal do que uma preocupação específica com a conjuntura política nacional, na fala de alguns poucos acampados.
- 34 Outros temas são reforçados por José, como a manutenção dos barracos avariados pela chuva e o vento, que devem receber manutenção; a presença dos acampados na ocupação; a construção das cozinhas do G1 e G2; e as doações de alimentos para um caldo, que será realizado na assembleia do dia seguinte. Rapidamente, os assuntos vão sendo encaminhados por meio de informes rápidos e, assim, a assembleia chega ao fim. É o final da tarde e o frio na ocupação vai aumentando. Os acampados se organizam em fila para “dar a presença”.<sup>10</sup> Às 17 horas a temperatura já é de 10º C. Imagino como será difícil passar a noite na ocupação, considerando que é um terreno alto e descampado.



- 35 Sobre a conjuntura política nacional, conversei no dia anterior com lideranças do MTST em um evento de formação de militância na sede do movimento. A perspectiva geral é de que a luta por moradia digna para os trabalhadores segue, apesar do golpe. E ainda se intensifica com a oposição do movimento ao “governo golpista”. Durante vários momentos da formação, alguém puxava um “Fora Temer!”.

## Considerações Finais

- 36 A despeito das diferenças entre as ocupações Mauá e Hugo Chávez em termos de estrutura, organização, geografia e quantidade de militantes que cada movimento social agrega, um ponto comum que buscamos observar e apontar nos relatos é o modo como a conjuntura política é percebida na vida cotidiana.
- 37 Notamos, por exemplo, que durante as conversas travadas, tanto em São Paulo como em Guarulhos, os militantes não levantaram, de modo específico, questões relacionadas a ruptura democrática em curso, exceto quando questionados a respeito. Isso não implica dizer de um afastamento ou desinteresse em relação aos problemas de conjuntura nacional; antes pareceu-nos tratar-se de um descolamento temporal entre o que se passa no âmbito político institucional e o tempo que leva para que os habitantes das ocupações sintam essas mudanças. Tendo em vista que a maioria destas mudanças tratam-se de questões de estrutura organizacional do Estado, a exemplo da extinção da Corregedoria Geral da União; o problema da falta de representatividade no Ministério; ajustes fiscais entre outras coisas. Ou seja, temáticas que nem sempre fazem parte da sensibilidade cotidiana destas pessoas.
- 38 Para estes sujeitos, a ciência está naquilo que impacta na vida prática, seja resultado de tomada de decisões do governo federal ou do governo local (este com maior proximidade); no que se refere à moradia, à pobreza, à saúde pública, ao Bolsa Família, à luta. Principalmente a luta. Isso fica claro em falas como a de Nelson, quando diz que, não importa o governo em exercício, o que realmente conta é a mobilização; quando José grita “MTST a luta é pra valer!” ou quando enfatiza que a luta por moradia digna segue para os trabalhadores, a despeito do golpe, ou ainda na fé de Dona Gildete que, apesar das dificuldades que observa os vizinhos enfrentarem, espera que a luta não seja em vão e que resulte na conquista da casa para os que mais precisam.
- 39 De um lado, alguns dos rumos que Brasília dá ao país parecem tratar-se de abstrações e que não afetam a rotina da vida cotidiana e imediata; por outro, lutar contra injustiças cometidas pelas diversas esferas governamentais já se fez hábito entre estas gentes. Lutar contra o golpe é mais uma dentre outra tantas lutas diárias.

---

## NOTES

1. O presente trabalho foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS da Universidade de São Paulo, durante o curso “Etnografias urbanas: fronteiras,

economias e afetos”, ministrado pelos professores Dra. Silvana de Souza Nascimento e Dr. José Miguel Nieto Olivar.

2. Os relatos estão dispostos na ordem cronológica em que ocorreram.

3. A Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001, mais conhecida como Estatuto da Cidade e que regulamenta a política urbana nacional determina, no inciso VI do artigo 2º, que toda propriedade urbana deve cumprir sua função social. Isto quer dizer que um imóvel desocupado (ocioso) e retido para questões especulativas descumpra esta função. Neste caso, pode (e deve) o Poder Público tomar ação cabível em vista de promover o adequado aproveitamento dos vazios urbanos, terrenos subutilizados ou ociosos.

4. Atipicamente, a Ocupação Mauá é composta por três movimentos de moradia: O Movimento de Moradia da Região do Centro (MMRC), a Associação Sem Teto da Cidade de São Paulo (ASTC-SP) e a Frente de Luta por Moradia (FLM).

5. Este mesmo pátio foi palco para a gravação do videoclipe da música “Crisântemo” do rapper Emicida. <https://www.youtube.com/watch?v=iJHEQkL9lww>

6. Alguns nomes não serão citados para preservar a identidade dos interlocutores.

7. Segundo militantes do MTST, o termo invasão é utilizado quando um terreno é loteado e as pessoas constroem suas casas definitivas. A ocupação por sua vez, possui um caráter provisório, de demarcação do território para lutar por moradia de forma planejada e organizada. Essa distinção é corrente nos acampamentos do MTST.

8. Em relação as outras ocupações como a “Copa do Povo”, que possuía sete grupos e mais de 5000 acampados, a ocupação Hugo Chávez é recente e pequena, com cerca de 500 acampados e o terreno é muito grande. Por isso, os trabalhadores sem teto continuam chegando ao acampamento.

9. Trata-se de uma conhecida oração entre evangélicos neopentecostais, para a superação de problemas espirituais e materiais, assinada pelo pastor fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus, R. R. Soares.

10. “Dar a presença” é a uma das formas de organizar a luta dos trabalhadores sem teto, bem como de mobilizá-los no acampamento e nos atos realizados movimento.

---

## INDEX

**Palavras-chave:** política, ocupação, movimento social, sem-teto

## AUTHORS

### PAULA BOLONHA

Paula Bolonha é mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

### MARCIANO KAPPAUN

Marciano é mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, pesquisador do CERNe e LabNau da Universidade de São Paulo.